

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina = *Street corner society***: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390 p.

Delia Dutra da Silveira¹

Street corner society, considerada uma obra de referência nos estudos das ciências sociais, é o resultado de quatro anos de pesquisa (1936-40) realizados no distrito North End em Boston – “*Cornerville*” – pelo então jovem economista William F. Whyte. Contando com o apoio de uma bolsa da Universidade de Harvard, Whyte adentra-se na vida e espírito do bairro – mora no seio de uma família de imigrantes italianos – acabando por tornar-se *o rapaz* que *escreve um livro* sobre Cornerville que, apesar da sua condição de “rapaz formado”, conseguiu transitar pelos diversos níveis da estrutura social do bairro.

O livro constitui um relato e análise detalhada de uma experiência de pesquisa de observação participante, onde Whyte se propõe permanentemente evitar se tornar um “observador não participante” ou um “participante que não observa”. Analisa os principais grupos se concentrando, em cada um, na história pessoal de um dos seus integrantes: a gangue da esquina dos rapazes não formados (Doc) e o clube dos formados (Chick), as organizações mafiosa e policial (Cataldo), a organização política (Ravello), todos conformadores das especificidades da estrutura social de Cornerville.

Para isso, vai observar e problematizar uma hierarquia de *relações pessoais* que se baseia num sistema de *obrigações recíprocas*. Segundo Whyte, esses seriam os elementos fundamentais com os quais estariam construídas todas as instituições do bairro. Se bem que Cornerville já era visto pelos de fora de forma completamente estigmatizada – bairro de migrantes italianos, perigoso, pobre, desorganizado – o autor descobre que se trata de um grupo social que se encontra num estado de *fluxo organizado* e que o problema real do local é o fracasso para se interconectar com a estrutura da sociedade à sua volta.

Para Whyte, o caminho para a compreensão do modo de vida de Cornerville não se encontrava por meio da observação em geral da vida cotidiana. Precisava-se de um acompanhamento de histórias de indivíduos particulares e suas ações para assim chegar a compreender o bairro como um todo. Buscando definir quais seriam aqueles que se tornariam objeto de sua observação e acompanhamento sistemático, Whyte foi aos poucos descobrindo nas lógicas de *interação* as relações *hierárquicas* que definem as principais marcas que socialmente significam algo e que, portanto, conformam esse *fluxo organizado* que é Cornerville.

Nesse sentido, seu primeiro contato pessoal foi com Doc (capítulo I), jovem *líder* da gangue da esquina (os *Norton*), quem se tornou uma peça essencial no seu processo de integração à comunidade local e no desenvolvimento de um olhar discreto e aguçado. Whyte descobre que as *estruturas* das *gangues* são resultado das relações habituais e rotineiras existentes durante anos entre seus integrantes, fato que explica que mudanças

¹ Pesquisadora e colaboradora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília (CSEM). Aluna especial doutorado Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS – Rio Grande do Sul. e-mail: deliadutra@gmail.com

de rapazes para fora do distrito *não* decorrem em seu afastamento da *esquina* – sua turma. Isso dá uma estabilidade muito grande ao grupo que viria a compensar a falta de segurança social dos seus membros, traduzindo-se numa alta *taxa de interação social* dentro do grupo que gera esse sistema *implícito* de *obrigações mútuas*: o rapaz da esquina ajuda sempre que pode seus amigos e se abstém de fazer qualquer coisa que possa prejudicá-lo, vai usar seu *dinheiro* com aqueles da turma que estão ‘duros’.

Significa dizer que as relações *financeiras* devem ser explicadas em termos sociais; ou seja, quanto mais baixo alguém se situe na estrutura, mais ténues são tais relações. Porém, o *líder* é – precisa ser – a figura que mais gasta com os seguidores e dele se espera que estabeleça as “pontes” de contato com outros grupos da área, sejam contatos conflituosos, competitivos ou de cooperação.

Whyte identifica uma clara divisão dos jovens cornervellianos entre: os *não formados*, seriam os rapazes da esquina, os *formados*, tal é o caso de Chick e seu clube (capítulo II) e no meio os *intermediários*, que podiam participar dos dois grupos. Os contrastes entre os grupos vão explicar as diferentes carreiras individuais de seus integrantes – a *mobilidade social* (capítulo III), as estruturas hierárquicas de ambos os grupos, os papéis das *lideranças*, assim como as processualidades da autogestão: crescimento, sobrevivência e/ou *desintegração*.

Em ambos os casos, os integrantes dos grupos dependem do *líder*, figura primeira de quem se espera que cumpra com as obrigações para com a turma. Considera-se que quanto maior a *posição social* do indivíduo no seu grupo, maiores serão suas obrigações para assim manter seu posicionamento dentro da estrutura e a coesão do grupo – na ausência do líder os grupos tendiam a se dividir.

Todos esses são o que o autor chama de “peixes miúdos” de Cornerville, e que para melhor compreender suas dinâmicas de interação com o resto da sociedade (suas carreiras individuais antes mencionadas) é preciso descobrir, explica Whyte, os “peixes graúdos” ancorados no topo da estrutura social – gângsteres (capítulos IV e V) e políticos (capítulo VI). Assim, poder-se-á desvendar as logísticas operacionais que se trabalham desde a base da sociedade local chegando alguns deles a se projetarem para além das fronteiras do bairro: no

caso do político que atinge uma vaga no senado (Ravello) e o gângster que constrói uma rede de negócios (Cataldo).

Isso tudo porque o que “incomoda” a Whyte é descobrir o que faz de um homem um “peixe graúdo” e como ele se torna capaz de dominar os “peixes miúdos”. Ou seja, como Tony Cataldo cuida de controlar os rapazes da esquina? Como Ravello organiza sua campanha política sabendo da necessidade de obter o apoio desses rapazes? E, ainda, qual a natureza da cooperação entre tais organizações mafiosas e organizações políticas? Lembrando a já mencionada tese do autor que o sistema de hierarquia de relações pessoais de Cornerville está baseado num sistema de *obrigações recíprocas* – em todos os grupos.

Nestes, as *lideranças* somente poderão ser alteradas por meio de mudanças nas relações entre os homens no topo da estrutura, mas nunca por meio de uma rebelião nas bases. Daí que a forma de interação do participante individual permanece estável e fixa por extensos períodos durante as contínuas atividades dos grupos. Whyte defende a importância de *observar as interações para compreender* as lógicas internas das gangues da esquina, do clube dos rapazes formados, das organizações mafiosas, dos grupos políticos e dos entrecruzamentos/interações entre todos esses a partir da figura do *líder*.

Interessante reparar que todas as questões levantadas pelo autor nesta pesquisa fizeram parte da sua tese de doutorado defendida no departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, e logo após também publicadas, em 1943, sob o título de *Street Corner Society (The Social Structure of an Italian Slum)*. No entanto, durante os primeiros anos de vida da obra, nenhum indício havia que viria a se tornar um clássico da literatura sociológica.

Em 1955, publica-se uma edição ampliada contendo um anexo (nesta edição brasileira, Anexo A) sobre as experiências de campo do autor, quem queria ajudar a compreender que “é possível cometer erros estúpidos e equívocos sérios, e ainda assim produzir um estudo de mérito” (p. 350). Esta edição deu um novo vigor ao livro, porém as vendas não melhoraram.

Em 1970, na ocasião da comemoração da aposentadoria de Whyte, Angelo Orlandella, um dos rapazes da esquina, falou sobre o sentido que teve para sua vida pessoal e profissional o conhecimento

e acompanhamento do trabalho de “Bill” durante aqueles anos no seu bairro. Seu interessante depoimento autobiográfico, que se inclui nesta edição com o título de *O impacto Whyte sobre um Underdog* (Anexo B) – mesmo não se tratando de um líder de uma gangue – torna-se um exemplo mais concreto que ajuda a entender aquela *mobilidade social* em função da *posição* na estrutura do grupo e da *pertença* ao bairro italiano pobre e degradado que Whyte problematiza ao longo do seu livro.

Finalmente nos anos 1990, o livro atinge o lugar de referência na literatura sociológica e nas ciências sociais, época em que aparecem resenhas, análises e comentários sobre *Sociedade de Esquina* em publicações acadêmicas reconhecidas, algumas constituindo fortes críticas ao lugar do autor na pesquisa e sobre as quais Whyte refere no Anexo A onde traz uma reflexão sobre a evolução da obra.

Pessoalmente, chamou minha atenção que ao longo do livro o autor refere em várias oportunidades a figura da mulher no micro das interações do bairro. Tal o caso da sua *mamma* Martini que permaneceu acordada até as duas horas da madrugada esperando-lhe; de Carrie Ravello esposa do senador e trabalhadora incansável pelas necessidades dos moradores de Cornerville, sobre quem Whyte refere sempre como alguém com quem conversava muito para melhor compreender sobre as dinâmicas da organização política; as moças em geral, do bairro, que o autor explica como tendo uma vida sem maiores liberdades e sonhos se comparadas aos rapazes e, finalmente, as assistentes sociais dos Centros Comunitários, todas elas de classe média e ascendência não-italiana sem conhecimento algum da língua e códigos do local.

Esse mundo feminino que aparece sempre como pano de fundo no livro (ao igual que a Igreja, dois elementos essenciais para cultura italiana), deve sem dúvida ser muito rico em interações, hierarquias e obrigações recíprocas, pois ele atravessa e é atravessado pela vida dos homens e rapazes aqui analisados: “Não se espera que um rapaz da esquina seja casto, mas casar-se com uma moça que não fosse ‘boa’ seria baixar de nível” (p. 37).

No entanto, não considero isso um problema, uma “falha” em *Sociedade de Esquina*; parece *sim* tratar-se de uma conseqüência do recorte necessário a ser realizado em toda pesquisa. Cabe aqui assinalar que este ponto foi reconhecido pelo próprio

autor no final da sua reflexão sobre a evolução da obra, fato que demonstra claramente que passou mais por uma escolha do pesquisador e que, evidentemente, se torna uma perda tão necessária e característica dos limites de todo trabalho científico.

Recebido em: 25/09/2007

Received in: 09/25/2007

Accepto em: 08/10/2007

Accepted in: 10/08/2007